

Experiências docentes e discentes

REFLEXÕES SOBRE A PESSOA E A PROFISSÃO DO PROFESSOR NA ÁREA DA SAÚDE

CONSIDERATIONS ON THE PERSON AND THE TEACHING PROFESSION IN THE HEALTH AREA

CONSIDERACIONES SOBRE LA PERSONA Y LA PROFESIÓN DOCENTE EN EL ÁREA DE LA SALUD

Rita Mattiello¹

Barbara Freiberg Schaefer²

Caren Ferreira do Nascimento²

Cristina Sebastião Matushita²

Debora Montenegro Pasin²

Eduardo Andre Gomes Krieger²

Fernanda Braga Seganfredo²

Fernanda Dallazen²

Gislaine Verginia Baroni²

Josiel Schilling Poeta²

Karina Nique Franz²

Leticia Manoel Debon²

Licerio Vicente Padoin²

¹ Programa de Pós-Graduação em Medicina e Ciências da Saúde e Programa de Pós-Graduação em Pediatria e Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS. E-mail: rita.mattiello@pucrs.br

² Programa de Pós-Graduação em Medicina e Ciências da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS. E-mail: barbara.schaefer@acad.pucrs.br; caren.nascimento@acad.pucrs.br; cristina.matushita@acad.pucrs.br; debora.pasin@acad.pucrs.br; eduardo.krieger@acad.pucrs.br; fernanda.seganfredo@acad.pucrs.br; fernanda.dallazen@acad.pucrs.br; gislaine.baroni@acad.pucrs.br; josiel.poeta@acad.pucrs.br; karina.franz@acad.pucrs.br; leticia.debon@acad.pucrs.br; licerio.padoin@acad.pucrs.br; lilian.araujo@acad.pucrs.br; luiza.preto@acad.pucrs.br; marcelo.barros.003@acad.pucrs.br; marcia.moraes.002@acad.pucrs.br; mariele.cunha@acad.pucrs.br; marina.amaral@acad.pucrs.br; nathassia.aurich@acad.pucrs.br; patricia.molz@acad.pucrs.br; ricardo.wainberg@acad.pucrs.br; ivanantonello@pucrs.br

Lilian Peres Righetto de Araujo²

Luiza Tweedie Preto²

Marcelo Cardoso Barros²

Marcia Cristina Gonçalves de Oliveira Moraes²

Mariele Cunha Ribeiro²

Marina Azambuja Amaral²

Nathassia Kadletz Aurich²

Patricia Molz²

Ricardo Chmelnitsky Wainberg²

Ivan Antonello²

Resumo

Este artigo deriva de um conjunto de ideias experimentadas por discentes do Programa de Pós-graduação em Medicina e Ciências da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em uma disciplina que procurou conhecer melhor o docente típico e suas atipias. O texto pretende auxiliar no entendimento de quem é o professor na área da saúde. Discute o sujeito e sua obra, para além do já conhecido modelo centrado na profissão da saúde que exerce e que procura ensinar. Antes de docente, o professor é uma pessoa. Como pessoa, precisa sentir-se estimada e estimar ao outro (aluno). Ao prosperar em seu trabalho, o docente tem compromissos para com o desenvolvimento intelectual e moral de seus alunos e o planejamento de ações para que exerça a percepção crítica da realidade. A relação ensino-aprendizagem com o educando deve favorecer a análise de valores necessários ao convívio social. Na área da saúde, é requisitado ao aluno aprender a fazer, sendo pouca importância referida ao aprender a conhecer, ao aprender a ser ou a viver em comunhão com os pares. É essencial ter a percepção de que o professor necessita, inicialmente, acolher a si próprio: entender quem é ele, como é e porque chegou ali. A construção da identidade profissional docente é um processo contínuo estabelecido pelo domínio de sua área de ensino, pelos conhecimentos pedagógicos voltados à aprendizagem dos alunos e experiência docente, além das relações sociais do cotidiano.

Palavras-chave: educação; saúde; docentes.

Abstract

This article derives from a set of ideas undergone by the students of the Postgraduate Program in Medicine and Health Sciences at Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), in a discipline that sought to know better the common teacher and their atypia. The text intends to help in the understanding of who the professor in the health area is. In addition, it discusses, with no delay, a little of the subject himself and his work, beyond the already well-known model centered in the health profession he practices and seeks to teach. Before being a someone who teaches, he is a person; and, as a person, he needs to feel appreciated and esteem the other (student). As he thrives in his work, the professor is committed to the intellectual and moral development of his students and the planning of actions for exercising the critical perception of the reality. The teaching-learning relationship with the learner should favor the analysis of values which are necessary for social interaction. In the health area, the student is asked to learn by doing, and little importance is referred to either learning to know, learn to be or to live in communion with peers. Lastly, it is essential to have the perception that who teaches initially needs to welcome himself: to understand who he is, what he is, and why he arrived there. The construction of a teaching professional identity is an ongoing process established by the field of its teaching area, by the pedagogical knowledge focused on the learning of the students and teaching experience, in addition to the social relations of the everyday.

Keywords: education; health; teachers.

Resumen

Este artículo deriva de un conjunto de ideas de los estudiantes del Programa de Postgrado en Medicina y Ciencias de la Salud de la Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), en una disciplina que buscó conocer mejor al profesor ‘común’ y sus atipias. El texto tiene la intención de ayudar a comprender quién es el profesor en el área de la salud. Además, discute, sin demora, un poco del sujeto y su obra, más allá del ya conocido modelo centrado en la profesión de la salud que él practica y busca enseñar. Antes de ser alguien que enseña, él es una persona; y, como persona, necesita sentirse apreciado y estimar al otro (estudiante). A medida que prospera en su trabajo, el profesor está comprometido con el desarrollo intelectual y moral de sus alumnos y la planificación de acciones para ejercer la percepción crítica de la realidad. La relación enseñanza-aprendizaje con el alumno debe favorecer el análisis de valores que son necesarios para la interacción social. En el área de la salud, se le pide al estudiante que aprenda haciendo y poco se refiere a aprender a saber o a aprender a ser o vivir en comunión con sus pares. Por último, es esencial tener la percepción de que el profesor necesita para alojar inicialmente a sí mismo: entender quién es, cómo y por qué llegó hasta allí. La construcción de una identidad profesional docente es un proceso continuo establecido por el ámbito de su área docente, por el conocimiento pedagógico centrado en el aprendizaje de los alumnos y la experiencia docente, además de las relaciones sociales de los cotidianos.

Palabras clave: educación; salud; docentes.

Introdução

Este texto pretende auxiliar no entendimento de quem é o professor na área da saúde, bem como discutir sobre o sujeito e sua obra, para além do já conhecido modelo centrado na profissão que exerce e que procura ensinar. Deslocar, por vezes, o pensamento a uma perspectiva acadêmica, na qual ambientes como a sala de aula pode (e deve) ser o campo de ação. Nesse cenário, disciplina, currículo e propostas político-pedagógicas podem ser assuntos de discussão constante, não apenas durante as ‘reformas curriculares’, ordenadas, via de regra, pelo Estado e postas em prática sem sofrimento, o que só confirma a imobilidade.

A conversa que corre pelos próximos parágrafos resulta do olhar enviesado de quem detesta o viés, da surpresa de quem se viu metido em uma refrega para a qual não estava bem preparado e da coragem de, mesmo assim, enfrentar o assunto em pauta. É o conjunto de ideias experimentadas pelos alunos do Programa de Pós-graduação em Medicina e Ciências da Saúde da Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em uma disciplina que procurou conhecer melhor o docente típico e suas atipias. Conforme Morin (2003), “a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas” (p. 10).

Com base no debate desenvolvido no semestre foi proposta esta compilação de argumentos que, ao menos, espera-se tenha encontrado contundência no imaginário dos autores. Afinal, refletir sobre a pessoa do professor, como se faz profissional, seu compromisso de valores – a partir da escolha da profissão – e a carreira docente não é tarefa da qual se sai impune.

A pessoa e o profissional

Antes de ser professor, o professor é uma pessoa. E a pessoa precisa sentir-se estimada, necessita construir uma imagem positiva de si mesmo, que acalme a desconfiança de rejeição sempre presente quando, em sua atividade, se submete à avaliação do outro.

A identidade do professor não é uma característica adquirida, mas um lugar de lutas e conflitos a partir do que se é, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. A maneira como cada um de nós ensina depende daquilo que somos como indivíduos quando exercemos o ensino (KRAMER; SOUZA, 1996). O desenvolvimento profissional docente recebe influência de fatores pessoais e institucionais. O contexto pessoal inclui a família, os momentos positivos e negativos da trajetória, a disposição, o interesse próprio e os ciclos de vida pelos quais o professor passa. No plano institucional, há elementos que exercem influência no avanço profissional: legislação, estilo de gestão, confiança e expectativas sociais, organizações profissionais e sindicais. (COSTA; CARDOSO; COSTA, 2012). Ensinar mobiliza um talento pessoal que não se deve somente aos saberes derivados da formação ou experiência, mas muito à personalidade ou à inteligência do professor (PERRENOUD, 2001).

De acordo com Nóvoa (1992), o sujeito que escolheu a docência tem uma atividade complexa do ponto de vista emocional, pois vive em espaço carregado de afetos, de sentimentos e de conflitos. Nem sempre a presença do aluno no cenário de ensino e aprendizagem é um ato de vontade pessoal, especialmente nas primeiras séries. Família e sociedade se alternam na responsabilidade de mantê-lo no ambiente educacional, o que requer compreensão e esforço docente extra na relação com o aluno que, muitas vezes, não descobriu que ‘quer aprender’ o que lhe ‘querem ensinar’.

Bons professores têm a capacidade de estabelecer conexões. Estabelecem uma extensa rede de contatos entre eles mesmos, suas disciplinas e seus alunos, de forma que estes últimos possam aprender a tecer novas teias para suas próprias vidas. Os métodos usados por tal professor podem variar desde palestras e diálogos socráticos até experimentos em laboratório e solução de problemas em forma colaborativa (PALMER, 1997).

Professores que formam profissionais da saúde têm sua origem na profissão e, frequentemente, nenhuma formação pedagógica que não seja a de eventuais disciplinas em cursos de mestrado ou doutorado, realizados com o intuito de obter o título e manter a posição. A construção aqui pode ser mais penosa, pois trata de um sujeito que, não raro, torna-se docente não por opção. O que fica evidente é que não há preparo sistemático, intencional, mas assistemático, como elemento da cultura que forma o contexto no qual se insere (CASTANHO, 2002). A própria lembrança dos alunos a respeito de professores que os impressionaram durante o curso de graduação está mais relacionada ao exemplo que representou para eles, à boa relação com o paciente, à capacidade de ouvir os discentes, do que a qualquer aspecto pedagógico relacionado à sua prática docente.

Espera-se que o professor considere a docência como uma profissão com ferramentas próprias a serem estudadas e exploradas no melhor proveito de sua ação. Como docente, deve acreditar que ensino, aprendizagem e avaliação são fenômenos distintos, mas pertencentes a uma mesma atividade pedagógica (GRILLO; LIMA, 2010). Precisa entender a educação da pergunta aguça, estimula e reforça a curiosidade (FREIRE, 2015). Nas profissões da saúde, o modelo profissional a ser seguido é usual e importante: imite o mestre. Mas não basta e carece de eficácia quando se trabalha com grupos de pessoas.

O compromisso e a carreira

Ao prosperar em seu trabalho, o docente tem compromissos com o desenvolvimento intelectual e moral de seus alunos e com o planejamento de ações para que exerça a percepção crítica da realidade. A relação de ensino e aprendizagem com o educando deve favorecer a análise de valores necessários ao convívio social. Dessa forma, é necessário a realização de um *feedback* para ampliar a capacidade perceptiva dos alunos, ou seja, “dar e pedir retornos constituem habilidades essenciais para regularmos nossos desempenhos e os das pessoas com quem convivemos, visando relações saudáveis e satisfatórias” (DELPRETTE, 2001, p. 68). Assim, cabe também ao professor saber ouvir e prestar atenção à fala e aos comportamentos seus alunos fazendo com que, em seu trabalho, os horizontes sejam alargados, possibilitando uma visão ampliada da realidade ao aluno (STEDILE, 2009). Por fim, resta saber se o educador conhece seus compromissos ou reflete sobre eles.

Sabe-se que o ensino passa por transformações, e o cânone tradicional e predominante na saúde é substituído por modelos educacionais inovadores, cuja tendência é o enfraquecimento daquelas metodologias de ensino onde o professor é o personagem principal. O entendimento de que o estudante é protagonista em seu aprendizado tem possibilitado maior profundidade na troca de saberes e compreensão de uma forma crítica e reflexiva da educação na saúde (COSTA; CARDOSO; COSTA, 2012). Parafrazeando Freire (2001, p. 264): “Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do contexto”, o aprendizado do professor ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aluno lhe faça de erros cometidos, e sim na medida em que se perceba – caso seja humilde e aberto – permanentemente disponível a repensar o pensado, e rever-se em suas posições. Disposto a envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas que ele os faz percorrer. Ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade, o docente se abre às adivinhações dos alunos, a sua ingenuidade e criatividade (FREIRE, 2001).

É importante ressaltar que prática docente não pode ser reduzida a uma técnica e sim à identidade e integridade do professor. A identidade é referente ao elo em desenvolvimento em que todas as forças da vida do profissional, incluindo as experiências pessoais, se convergem em sua individualidade, e a integridade é a plenitude encontrada dentro deste elo no qual se consegue distinguir o que é intrínseco à personalidade e o que se adapta ou não a ela (PALMER, 1997). Como sugerem os achados de estudo realizado com educadores do ciclo profissional do curso de Medicina de uma instituição pública federal de ensino superior do Brasil, as características necessárias para um bom professor passam por domínio do conteúdo, boa comunicação, didática, ética, empenho, envolvimento em pesquisas, habilidades clínicas, atualização, confiança, profissionalismo, competência, organização, autocrítica, capacidade de fornecer *feedback* aos alunos (COSTA; CARDOSO; COSTA, 2012).

Há duas concepções de formação docente presentes na carreira universitária: a não profissional e a profissional. A primeira, corriqueira na área da saúde, considera que ensinar se aprende ensinando, numa visão simplista que reduz a formação docente à mera reprodução de modelos existentes anteriormente. A segunda defende que ensino afetivo e efetivo é tarefa complexa e grande desafio social, com altas exigências intelectuais e que ensinar consiste em uma série de habilidades básicas que podem ser adquiridas, melhoradas e ampliadas por meio de processo consistente de formação (COSTA; CARDOSO; COSTA, 2012).

No contexto universitário brasileiro, a carreira profissional docente é um processo que se dá habitualmente com pouco apoio institucional (LIMA; GRILLO, 2008). Aos professores que atuam nos cursos da saúde pesam responsabilidades como as de oferecer ao estudante conhecimentos básicos e possibilidades para que desenvolvam habilidades técnicas, treinar sua inteligência para pensar claramente, conscientizá-los sobre as necessidades da comunidade e contribuir para a formação de uma escala de valores que presida a execução de suas atividades (COSTA; CARDOSO; COSTA, 2012). Nada disso acontece se não houver a compreensão de que a preparação para a carreira não finda nas ‘minguadas’ disciplinas que abordam pedagogia e didática do ensino, em cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

Considerações finais

Ao estabelecer considerações finais, muito longe se está de escrever sobre o ‘juízo final’ a respeito de um assunto tão maior do que os que os escrevem. São apenas considerações finais deste artigo, ‘mais um pouco’ das aflições de quem sabe que educação sem sofrimento e sem alegria é educação morna e nublada. Aqui, ao refletir-se sobre o professor e sua profissão, se quer pensar sobre o que é parte da inquietação permanente do professor: o que se tem feito, o que se precisa saber e

fazer, e como se certifica de que sua ação é adequada. A construção da identidade profissional docente é um processo contínuo, a partir do qual ele percebe, interpreta e atribui significado à sua atividade. Durante a formação de sua identidade, os professores tendem a fundamentar sua prática pedagógica em modelos de professores que tiveram durante o período escolar ou em sugestões dadas por colegas mais experientes ou, ainda, na representação de professor, difundida na sociedade ocidental. Os docentes organizam seu trabalho (e isto é acentuado na área da saúde) usando o ‘senso comum pedagógico’, no qual o domínio de uma área específica do saber se veicula nos conteúdos escolares (LIMA; GRILLO, 2008). As relações sociais – de modo geral frágeis no docente da área da saúde – que se estabelecem com os alunos, com as famílias, com a instituição educativa, enfim, com as pessoas com as quais convive no cotidiano, também influenciam essa construção da identidade do professor (GRILLO; GESSINGER, 2008).

Um professor precisa dominar sua área de ensino, como primeira condição para o ato pedagógico, ou seja, a área específica na qual atua e que geralmente é a sua área de formação acadêmica, que é considerada como conhecimento básico para ensinar. A segunda condição é ter conhecimentos pedagógicos que se voltam para o aprendizado do aluno, no qual o docente faz da relação com os seus discentes uma constante preocupação: com os outros e com o modo que discutirá seu conhecimento de uma forma didática. O último atributo, mas não menos fundamental, é o saber prático, originado da experiência profissional docente, constituído por princípios de conhecimentos adquiridos como aluno e com os alunos, como profissional da sua área específica, da troca de experiências com outros profissionais, das suas vivências e crenças pessoais (VARGAS, 2009). Todas as condições de ensino necessitam a certificação do aprendizado: por parte do aluno a respeito do conteúdo, por parte do professor a respeito do aluno. A essa certificação entende-se como avaliação, embora seja mais praticada focando-se no segmento ‘por parte do professor a respeito do aluno’.

Na área da saúde, é requisitado ao aluno aprender a fazer. Pouca importância é referida seja ao aprender a conhecer como ao aprender a ser ou a viver em comunhão com os pares, como apontados nos quatro pilares da educação do relatório da UNESCO para o século XXI (DELORS, 1998). Educação é sempre uma ‘aventura’ coletiva de partilha: de afetos e sensibilidades, de conhecimentos e saberes, de expectativas e experiências, de atitudes e valores de sentidos de vida (ALVES, 2002). Luckesi (2014) utiliza a expressão ‘ato amoroso’ para avaliação da aprendizagem escolar, expressão que caberia para a educação em geral. Ato amoroso é ato de acolhimento da situação como ela é, sem julgamentos. O acolhimento aproxima e integra, o julgamento afasta – necessita isenção para que não haja conflito de interesse. O professor necessita acolher a si próprio: entender quem é, como é, e porque chegou ali. Só assim, não despenderá energia na defesa irrestrita

de suas posições, pois ao longo da vida, acostumado às defesas, fará delas um modo permanente de viver.

Para finalizar, apenas este artigo, fica a lembrança de que as discussões nascidas do entendimento peculiar de cada um e do conhecimento prévio ou adquirido ao longo desta experiência discente na Pós-graduação passaram pelo entendimento de que a ação do professor é de ensino e de aprendizagem, e não se resume à leitura da palavra ou do texto. Como ressalta Freire (2015, p. 31), “o ser humano integrando-se a seu contexto, por nele intervir, o transforma em mundo”. Só aí, então, professor e profissão docente farão sentido no desenvolvimento da sociedade.

Referências

- ALVES, R. **Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Papirus Editora, 2002.
- CASTANHO, M. E. Professores de ensino superior da área da saúde e sua prática pedagógica. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 6, n. 10, p. 51–61, 2002.
- COSTA, N. M. S. C.; CARDOSO, C. G. L. V.; COSTA, D. C. Conceptions about the good professor of medicine. **Rev. bras. educ. méd.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, p. 499–505, out./dez. 2012.
- DELORS, J. **Learning: the treasure within**. Unesco, 1998.
- DELPRETTE, A.; DELPRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FREIRE, P. Carta aos professores. **Estud. av.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259–268, 2001.
- FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GRILLO, M. C.; LIMA, V. M. R. Especificidades da avaliação que convém conhecer. In: GRILLO, M. C. et al. (Org.). **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 15-21. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/porquefalaraindaemavaliacao.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2018.
- GRILLO, M. C.; GESSINGER, R. M. Constituição da identidade profissional, saberes docentes e prática reflexiva. **A gestão da aula universitária na PUCRS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 35-42. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/agestaodaaula.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2018.
- KRAMER, S.; SOUZA, S. J. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996.
- LIMA, V. M. R.; GRILLO, M. C. O fazer pedagógico e as concepções de conhecimento. In: GRILLO, M. C. et al. (Org.). **A gestão da aula universitária na PUCRS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 21-31. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/agestaodaaula.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2018.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2014.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

PALMER, P. J. The heart of a teacher: identity and integrity in teaching. **Change: the magazine of higher learning**, San Francisco, v. 29, no. 6, p. 14-21, Nov./Dez. 1997.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Saberes e competências em uma profissão complexa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

STEDILE, M. I. **O professor como gestor da sala de aula**. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE na área de Pedagogia. Universidade Estadual de Maringá, Umuarama, 2009.

VARGAS, C. P. Resenha TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. **Instrumento: revista de estudo e pesquisa em educação**. Juiz de Fora, v.10, p. 143-145, jan./dez. 2008. Disponível em: <<https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/56/1925>>. Acesso em: 25 jul. 2018.